



# O SABER DA EXPERIÊNCIA DE UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM TEMPOS DE PANDEMIA

*Lilian Oliveira Daniel*  
UFMS

*lilian.daniel@ufms.br*

*<https://orcid.org/0000-0002-1762-1394>*

**Modalidade:** artigo completo (para comunicação oral)

## **Resumo:**

Neste trabalho busco apresentar fragmentos de uma narrativa de um professor de Matemática da Educação de Jovens e Adultos que atuou em uma escola da Rede Estadual de Ensino – REE de Mato Grosso do Sul durante a pandemia COVID-19. Com ele, produzimos uma narrativa da sua experiência de estar no mundo e na ‘escola’, no ano de 2020. Essa narrativa é parte de um conjunto de narrativas de uma pesquisa de mestrado em curso, do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mobilizo a metodologia História Oral e apresento algumas discussões, não tentando esgotar os discursos, mas apontando um discurso em processo, trazendo a experiência como algo em trânsito, em movimento e como parte indissociável ao fazer docente do professor, contribuindo assim para a construção de conhecimento em Educação.

**Palavras-chave:** Narrativas; Educação de Jovens e Adultos; Educação Matemática; Pandemia; Experiência.

## **1. Introdução**

No presente artigo intenciono<sup>1</sup> discutir fragmentos de uma narrativa de um professor de Matemática que atuou na Educação de Jovens e Adultos de Mato Grosso do Sul durante o ano de 2020. Uma leitura que procura entender a ressignificação da experiência docente no ato de narrar, compreendendo a experiência de um professor que estava no mundo em sala de aula da EJA no contexto da pandemia COVID-19, em um tempo no qual as relações de trabalho, de escola e de mundo foram reconfiguradas.

Essa escrita faz parte de uma pesquisa de mestrado em Educação Matemática do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – PPGEducMat UFMS em curso, onde intenciono entender “o que pode a

---

<sup>1</sup> É importante relatar que no texto conjugo os verbos em duas pessoas: na primeira pessoa do singular, quando explico a pesquisa, seu objetivo e sua metodologia; e na primeira pessoa do plural, quando produzo as narrativas em conjunto com os entrevistados da pesquisa.

Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul.” Nessa pesquisa, entrevistei doze professores de Matemática da Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul da Educação de Jovens e Adultos –EJA, lotados em doze escolas, em diferentes municípios do estado de Mato Grosso do Sul. A diversidade regional e a pluralidade de narrativas possíveis, me moveu a escolher uma escola de cada regional jurisdicionada pelas Coordenadorias Regionais<sup>2</sup> – CREs, organizações regionais da Secretaria de Estado de Educação de MS.

As entrevistas foram feitas via *Google Meet*, agendadas previamente, seguindo um roteiro organizado por fichas temáticas enviadas antecipadamente para o *e-mail* dos entrevistados, contendo eixos norteadores e intencionando provocar uma conversa aberta, onde os entrevistados poderiam escolher o que falar, tendo a liberdade de adicionar novos assuntos à narrativa. Após as entrevistas, foram feitas as transcrições e as textualizações, em seguida assinada a Carta de Cessão pelos entrevistados autorizando o direito do uso da narrativa produzida, passando a constituir-se uma fonte para esse trabalho e para outros trabalhos futuros.

Para esta escrita, deparei-me com uma escolha específica, a narrativa de um professor do município de Ribas do Rio Pardo, de uma escola jurisdicionada pela Coordenadoria Regional 2 – CRE2, professor Maurício. A entrevista do Maurício não pode ser lida por ele após a textualização, ato de praxe em uma pesquisa acadêmica de cunho historiográfico com narrativas, ele também não pode dar o seu aceite, nem indicar alguma contribuição a mais na escrita. Ele não pôde se reconhecer na sua própria fala, porque faleceu no dia 28 de abril de 2021, em decorrência da COVID-19. O processo de transcrição e textualização é demorado, a entrevista foi realizada em dezembro de 2020, e ao procurar o professor Maurício em abril de 2021, para apresentar a ele o que produzimos juntos, não consegui encontrá-lo. Ele estava internado, infectado pela COVID-19, e veio a óbito<sup>3</sup>. Seu único filho ainda vivo, também professor, foi mais uma vítima da pandemia e, aos 38 anos, faleceu uma semana após o pai. Quem leu a textualização e assinou a Carta de Cessão foi o seu genro, que disse ter o reconhecido na escrita.

---

<sup>2</sup> As Coordenadorias Regionais de Educação tem como finalidade, exercer em nível regional, o acompanhamento, o monitoramento e a supervisão das escolas da Rede Estadual de Ensino localizadas nos municípios sob sua jurisdição, oferecendo suporte administrativo, técnico e pedagógico para a viabilização das políticas educacionais da Secretaria de Estado de Educação (SED). Disponível em: <http://www.cre2metropolitana.sed.ms.gov.br/sobre-a-cre-2/diario-oficial-n-9-305/>. Acesso em: 13 de jul. de 2021.

<sup>3</sup> Top Mídia News. Disponível em: <https://www.topmidianews.com.br/in-memoriain/professor-mauricio-morre-de-covid-19-aos-64-anos/145977/>. Acesso em: 29 de jun. de 2021.

A pandemia marcou esse trabalho de diversas formas, as entrevistas que eram feitas entre-vistas foram realizadas via *Google Meet*, mas para além de ser um material produzido em um tempo pandêmico, a morte do professor Maurício foi algo que nos marcou. Não busco com este texto explicar como um professor vivenciou a docência na EJA durante a pandemia, no ano de 2020, porque só a explicação aqui não faria sentido. Albuquerque Junior (2020), ao falar sobre as pesquisas históricas, nos diz que a medida que tentamos explicar algo, racionalizamos, tiramos a capacidade de corte, a capacidade de incomodar, de ferir as sensibilidades. Essa fala é fundamentada na premissa de que “o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (FOUCAULT, 1979, p. 27).

Trazer a emoção, o corte, a sensibilidade e a estranheza é uma forma de provocar em quem lê um incômodo, porque a escrita tem que mover os sentidos em nós, se assim somos, seres sensíveis, poéticos, metafóricos e capazes de conceituar. Neste sentido, as emoções não podem ser apagadas na escrita, porque ao escrever não separamos nossos corpos dos nossos sentimentos, e nesse aspecto a operação afetiva da escolha é emocional, poética, sensível, porque somos, tudo isso ao mesmo tempo enquanto seres humanos, razão e emoção. Quando o nosso corpo é atingido pelas emoções, somos obrigados a pensar, no sentido que o pensamento atinge nossos órgãos, nossos sentidos. Somos obrigados a pensar quando algo nos fere os olhos, os ouvidos, chamando atenção do nosso tato e do nosso olfato. (ALBURQUERQUE JUNIOR, 2020).

Lançando mão desses sentidos, pensamos a partir da experiência de um professor que estava imerso em sala de aula da EJA, na ‘escola’ no contexto da pandemia COVID-19, envolvido em um fazer, em uma prática, imerso no mundo, vivendo o saber da experiência como parte indissociável ao fazer docente.

## **2. Construindo caminhos em meio a incertezas**

A opção metodológica escolhida para a produção da entrevista aqui analisada foi a História Oral, e com ela produzimos narrativas com intencionalidade de torná-las fontes históricas, nos permitindo enquanto pesquisadores, registrar realidades, experiências e aprender com o outro ouvindo suas histórias, trazendo fragmentos de práticas do cotidiano de professores, em sua singularidade. Optar por essa metodologia traz algumas potencialidades para as nossas pesquisas, dentre elas a multiplicidade e pluralidade de visões, neste caso específico a visão de um professor, acerca de sua formação e prática, valorizando a

subjetividade de narradores que não são encontrados em documentos escritos, colaborando para a constituição de fontes historiográficas a partir de narrativas (SILVA e FILLOS, 2020).

Nesta perspectiva, ao escolher pesquisar sob esta ótica qualitativa, opto “pela multiplicidade em detrimento do absoluto, pelo caminho em detrimento da chegada, pela regulação em detrimento do regulamento, pelo processo em detrimento do produto” (GARNICA, 2001, p.40). Entendo a metodologia como um conjunto de procedimentos e fundamentações/teorizações que dialogam continuamente entre si e permite abordar e/ou compreender algo, estabelecendo as potencialidades e os limites de nossas ações, seus fundamentos, o terreno teórico que se assentam.

Ao trabalhar com a metodologia da História Oral as narrativas são trazidas como disparadoras de perspectivas, sendo elas, efetivamente, a matéria-prima para o trabalho. Alberti (2003) reconhece ser as narrativas como um dos principais alicerces da História Oral, para Bolívar (2002) elas são como um relato, captando a riqueza e os detalhes dos significados nos assuntos humanos, tendo como base as evidências do mundo da vida e segundo Brunner (2014)

a narrativa é, em seu âmago, uma arte popular, lidando com crenças comuns a respeito do jeito das pessoas, de como é o mundo delas. Ela é especializada naquilo que está em risco, ou no que se presume estar em risco. Fabricar histórias é o meio para conciliarmos com as surpresas e estranhezas da condição humana, para nos conciliarmos com a nossa percepção imperfeita dessa condição. (BRUNNER, 2014, p.99-100)

É da narrativa de uma experiência de um professor que tomo esse trabalho, entendendo com Jorge Larrosa a experiência como uma relação dialética entre a reinvenção de si e a sua ressignificação, aquilo que nos acontece e que se constitui. A nossas experiências, nossas representações, nossas reinvenções de nós mesmos são construídas por nós e neste sentido, a cada nova versão da nossa história, a experiência é ressignificada, pois nos conduz a buscar nossas relações entre viver e narrar.

Reconhecer então, a experiência como uma relação com o mundo que estamos imersos, concebendo que ser sujeito da experiência é estar envolvido em um fazer e em uma prática, embeber-se no mundo que chega a nós, neste sentido “o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos” ( LAROSSA, 2020,p.25).

Com este autor (2020) também compreendo ao saber da experiência, sendo este distinto do saber científico e do saber da informação. Ao saber da experiência cabe mediar o conhecimento e a vida humana, como algo que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como damos sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, estando ela ligada ao individual, ao singular, dentro da sua finitude. Assim, se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem sentido do que nos acontece, a experiência que se passa em cada um é um saber finito. Neste entendimento, “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal.” (LARROSA, 2020, p. 32)

### **3. Um Professor de Matemática da EJA no saber da experiência**

Maurício nasceu em Corumbá no dia 22 de setembro de 1956. Era professor licenciado em Matemática pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS em Dourados, MS. Se formou no ano de 2014 e desde então seguiu carreira como professor contratado da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul. Foi professor substituto do professor regente de Matemática na Educação de Jovens e Adultos –EJA em 2020, na Escola Estadual Dr. João Ponce de Arruda, município de Ribas do Rio Pardo, MS, escola pertencente a jurisdição da Coordenadoria Regional de Educação 2 – CRE2.

Professor Maurício, amava a escola e a docência. Se formou aos 58 anos de idade e dizia que se formou velho, vencendo o obstáculo de estudar fora da idade correta. Sentiu na sua experiência de vida o que é ser um estudante adulto e os percalços de estar inserido em um grupo que ele chamou de alunos mais jovens, brigando por um espaço e para ser aceito em uma sala de aula de jovens. Trazia na sua fala entusiasmo e orgulho pelo professor que se tornou. Expressava um desejo de mostrar que a educação mudou sua vida, e tinha certeza que ainda podia fazer muito por ela. Ele sentia orgulho de estar como professor da EJA porque via que seu exemplo poderia ser seguido por seus alunos.

A pandemia venceu o Maurício. Ele foi contaminado pela COVID-19 em abril de 2021. Lutou para vencer a doença se tratando inicialmente em casa mas, precisou ser internado e no dia 10 de abril de 2021 foi intubado. Faleceu em 28 de abril de 2021, no hospital em Campo

Grande, MS. Ele não voltou mais para casa, não mais voltou para a escola que tanto amava, não voltou para sua família.

A experiência deste professor dá sentido a essa escrita. Após sua morte, sua narrativa continua a reverberar pelos lugares que ele passou, atravessada nas pessoas que ele se relacionou, nos exemplos que ele construiu. Ele contou:

*Eu sou corumbaense. Nasci em 22 de setembro de 1956. Considero que tive uma boa infância, apesar das dificuldades e da pobreza. Minha vida de criança foi no sítio. [...] Comecei a estudar quando eu fui morar na cidade, com idade entre quatorze e quinze anos; comecei a estudar muito tarde. [...] Eu me considero uma pessoa vencedora porquê de onde eu vim, meu Deus do céu, para chegar onde estou ... Eu virei um professor, e isso é orgulho demais! Isso mostra que com um pouco mais de sacrifício e de esforço chegamos ao nosso objetivo. É demorado e exige muito porque o estudo não dá um retorno imediato, demora um pouco para você ter um retorno. O estudo te dá um norte, te fortalece e tira você do escuro. O estudo tira aquela venda dos seus olhos e você passa a ter mais atitude. Ele te faz ser alguém capaz de resolver seus problemas e te dá força para alavancar seus sonhos. Para nós que somos pobres não há outra forma, eu não vejo nenhuma outra saída de sair da pobreza, e mesmo depois de uma certa idade, se você tiver a oportunidade de estudar, estude. Converse com a família se você quer estudar porque é importante, todos precisam apoiar os seus planos, porque serão muitos obstáculos enfrentados. Uma série de pessoas falavam para mim que eu era velho e que velho não precisava estudar, mas eu não acreditei e me tornei professor. Eu sou um sonhador. Um sonhador que está sempre a procura de melhorar o meu eu. Eu sempre reluto, “eu quero ser melhor”! [...] Nessa vida a gente tem que compartilhar o que aprendemos. Precisamos procurar ser melhores porque, se somos melhores, logicamente, o outro também será.*

Maurício nos disse que era um sonhador, assim ele narrou sobre seu eu. Um professor atravessado pela vida simples da infância, pelo trabalho na juventude, pela vivência da sua escolaridade fora da idade, pela experiência da sua formação como professor, pela trama da vida de professor na escola. Um professor marcado pela pandemia.

Na EJA, ele falava para seus alunos da sua vida marcada pela superação, em uma experiência singular e própria, em como se constituiu professor. Quando estudante, ele foi marcado pela escola por ser um aluno em distorção idade-série, lutou pelo seu direito à

cidadania, pelo seu direito à escola. Para ele, as coisas nunca foram fáceis, começou a vida escolar fora do tempo, como um sujeito que “o passado pesa com pesado peso sobre as suas trajetórias de vida.” (ARROYO, 2019). Ao olhar para si, e se considerar um vencedor, tinha consigo que a sua experiência contada podia motivar seus estudantes da EJA a enfrentarem seus desafios.

Seu caminho foi percorrido, como tantos milhares de estudantes jovens, adultos e idosos no Brasil que lutam pelo direito a escola e que tiveram, como ele, o direito a educação violado na infância ou na adolescência, estudantes que não puderam ou não podem estar na escola na idade correta. Muitos dos seus alunos da EJA são também marcados pela exclusão, pela precariedade de uma vida vivida, pelo risco do desemprego ou empregos informais, tendo que desdobrar durante o dia, para então, a noite, fazerem-se presentes na sala de aula. Muitos jovens, adultos e idosos trabalhadores ‘passageiros do trabalho’. Para esses estudantes “o trabalho não é um acidente na sua condição humana, social, de gênero, raça” (ARROYO, 2019, p.64), porque ser trabalhador é a sua condição, identidade social e política. São esses estudantes que estão em salas de aula da EJA, estudantes com corpos marcados, com corpos precarizados que chegam marcados pela fome, pelo sofrimento, pelas múltiplas violências e doenças, jovens-adultos na EJA, condenados a vidas precarizadas (ARROYO, 2012). Maurício nos explica:

*[...] Muitos alunos da EJA enfrentam dificuldades, doenças ou falecimento de alguém da família ou ele mesmo acaba ficando doente. Eles também têm medo de perder o serviço, ou então moram no sítio, e uma série de coisas que acontece e aconteceram com eles e fez com que eles não tivessem a oportunidade de estudar na idade correta. Falo isso de acordo com minha experiência. Eu fiquei muito tempo fora da sala de aula, não porque eu quis, mas porque eu tinha que trabalhar. Eu chegava em casa cansado e não tinha ânimo para enfrentar o banco da escola.*

Para além de falar da sua infância e da sua formação, Maurício falou sobre a sua docência no ano de 2020 em sala de aula da EJA. 2020, um ano marcado pela pandemia. No início de março, as escolas mudaram sua forma de atendimento aos estudantes, e neste sentido também a modalidade Educação de Jovens e Adultos. Os professores da EJA tiveram que reorganizar suas aulas, seu contato com os alunos, suas formas de lidar com o ensino e a mediação da aprendizagem. Considerando este cenário, o estudante da EJA foi o mais afetado pela pandemia, marcado pela exclusão, pelo abandono e pela vulnerabilidade social.

A partir dessa realidade pandêmica, os Conselhos Estaduais de Educação de diversos estados e vários Conselhos Municipais de Educação emitiram, resoluções e/ou pareceres orientativos para as instituições de ensino sobre a reorganização do calendário escolar e das atividades não presenciais. No Mato Grosso do Sul, em 19 de março de 2020, a Instrução Normativa/SED n. 5/CONPED/SUPED/SED/2020 foi publicada no Diário Oficial do Mato Grosso do Sul n. 10.120, que dispõe sobre as medidas a temporárias a serem adotadas nas escolas devido à suspensão temporária das aulas presenciais sendo o cumprimento da carga horária anual podendo ser substituídas temporariamente por Atividades Pedagógicas Complementares – APCs, durante o período de suspensão das aulas presenciais. Neste sentido, os professores se mobilizaram para se organizar nas suas práticas pedagógicas, e suas salas de aula se tornaram salas de aulas remotas. Maurício relatou sua experiência em relação a pandemia:

*Nós estamos em pandemia e vejo que a pandemia tem o lado bom e o lado ruim. O lado ruim é que ela nos pegou, todos, totalmente despreparados. Não só nós professores, mas também direção, coordenação, alunos, pais, todos os segmentos da escola. A pandemia trouxe desespero pra nós. Nós não sabíamos como íamos trabalhar com os alunos, tivemos problemas de comunicação. Os alunos não podiam sair e não podem até hoje. A maioria dos alunos não tem tecnologias para receber tantas informações, os celulares travam e não aguentam determinada quantidade de vídeos e mensagens. Temos também muitos problemas com a conexão da internet. E temos problemas relacionados com a saúde. Muitos dos nossos parentes estão se contaminando com a doença e familiares de alunos professores e colegas de trabalho falecendo ou doentes. O ano 2020 mexeu muito com nosso emocional.*

*O lado bom da pandemia foi o aprendizado que as tecnologias nos trouxeram. Essa tecnologia que estamos usando agora para nos comunicar, ela também fez com que a gente pensasse melhor na vida. Ela obrigou a gente a saber mais sobre o que é um vídeo, como mexer em arquivos e entrar no Google Classroom, e para professores da Rede Estadual de Ensino (REE) há a opção de usar os programas da Microsoft. Esse é o lado bom da pandemia que fez a gente crescer na aprendizagem em tecnologias. Essa tecnologia que estamos usando aqui, eu não tinha esse conhecimento. A gente acabou aprendendo sobre isso e esse foi o lado positivo da pandemia e que fez com que a gente pensasse melhor na vida e, estamos como vitoriosos.*

*Os alunos, não só os da EJA, são carentes de informações e de ferramentas. Muitos alunos não têm celular e muitos não sabem lidar com a internet. Nas aulas presenciais todos vinham, mas começou a pandemia e eles se perderam. Em uma das reuniões na escola, eu sugeri que a coordenação e a direção montassem um curso direcionado para os alunos da EJA sobre informática, como navegar no Google, como mexer com arquivo, gravar um vídeo, enviar um áudio. Os alunos da EJA têm vergonha de falar com você pelo celular. Eles são carentes de conhecimento nessa área de tecnologias. A pandemia prejudicou mais os alunos da EJA porque eles têm muitas dificuldades com as tecnologias. No presencial eles iam bem, mas a pandemia não foi boa para eles.*

*Devido à pandemia tivemos que ir atrás de muitos alunos, insistir, passar na casa deles para levar as atividades. Pedíamos: “faz o trabalho e leva na escola”. Organizamos entre os professores uma escala de trabalho; fizemos apostilas para o aluno retirar na escola. Quando o aluno devolvia as apostilas, a gente corrigia e deixava na escola com as correções para ele buscar. Muitos alunos nem apareciam mais, pegavam a apostila na escola, levavam para casa para fazer as tarefas e não devolviam. Muitos não faziam. Criamos estratégias como grupos do WhatsApp onde nos colocamos à disposição dos alunos buscando atendê-los da melhor maneira possível. A gente conversava com os alunos pelo grupo do WhatsApp, também por telefone ou, às vezes, você estava andando na rua e encontrava com um aluno. Aí ele falava: “oi professor, como eu fui na atividade?” Aí a gente responde: “olha, você foi bem. Só teve uma questão assim que você não fez certo, mas o professor está à disposição. Qual dia que você pode ir na escola? Ou qual momento você pode falar pelo Whatsapp?” Então a gente tem todo esse carinho, esse traquejo para atendê-los da melhor maneira possível porque esses alunos não precisam só de um professor, mas de uma pessoa compreensiva.*

Maurício relata amor pela docência e mostra a postura de um professor acolhedor e compreensivo. Freire (2020) traz na sua Pedagogia da Autonomia sobre esse ensinar que exige querer bem aos educandos. Esse gosto e a coragem do querer bem do professor aos educandos e à própria prática educativa de que participa. Maurício, também não tinha medo de expressar sua afetividade, porque a via como um compromisso com o educando. Uma força misteriosa chamada por Freire como vocação.

Mesmo com tamanha amorosidade, com o advento da pandemia trouxe também outros sentimentos como: angústia, medo, tristeza, mas também esperança, coragem para enfrentar

novos desafios e aprender o novo. Esse professor criou novas estratégias de atendimento a seus alunos e se reinventou como professor, aprendeu informática, novos programas e baixou novos aplicativos, se colocou também em condição de aprendiz. Esse professor, na pandemia, também tinha medo de ser contaminado, mas ao mesmo tempo lutava pela educação dos seus alunos, buscando resgatá-los indo até suas casas para levar atividades, em busca desses estudantes da EJA que estavam “desaparecidos” do radar da escola, em uma busca ativa.

Os desafios enfrentados pela utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no ofício de professor e na rotina dos alunos também surgiram como impactantes na pandemia. Apesar das TICs já fazerem parte da educação, da rotina dos professores e da rotinas das escolas antes da pandemia, houve nesse momento, vários pontos de tensão em relação a sua utilização. As TICs são descritas no relato como uma nova ferramenta, um novo instrumento pedagógico para esse professor, como possibilidade encontrada para organizar as aulas remotas, para estabelecer o vínculo com os alunos e como uma forma de aproximá-los. Entretanto, atribuiu-se também a elas um agravamento da crise comunicacional, um obstáculo para os estudantes em situação de exclusão, de vulnerabilidade social, e sem condições econômicas de ter um celular ou um computador, com problemas de acesso à internet e sem conexão de qualidade.

É também sobre a pandemia que Maurício traz na sua fala a esperança de retorno à “normalidade”, que para ele e para sua família, nunca chegou e nem chegará.

*Estamos na expectativa dessa vacina e esperando que o ano que vem tenhamos aulas, mesmo que elas sejam híbridas. Aula híbrida, pela internet ou presencial, não sei como é que vai ser, mas estão estudando. A educação não pode parar e nós, seres humanos, temos que ter alguma coisa para fazer. Sou pai, sou professor. O pessoal da secretaria, não pode parar. O mundo é um movimento, de forma que temos que agradecer a Deus.*

#### **4. Algumas Considerações**

É a partir dessa esperança que não chegou que questiono: que vida importa? Quanto valia sua vida? Quem chora sua morte Maurício? Quem continua a viver sem você? Que vidas como a do Maurício também foram perdidas porque não tiveram a chance de se vacinar? A vida do Maurício merece nosso pranto, nossa dor, nosso corte. Maurício era professor, pai, amigo,

amor de alguém. Ele não foi vacinado. A vida do seu entorno foi desmontada. A vacina demorou a chegar. Como a vida do Maurício, no Brasil, temos mais de 528 mil “Maurícios”. LUTO.

Maurício agora vive em sua narrativa. Trazer a narrativa desse professor, as suas experiências vivenciadas na sala de aula em pandemia, e uma pouco da sua história nos provoca olhar o singular, o próprio, o docente, o indivíduo e como ele mobilizava a sua vida. “A lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade” (LARROSA, 2020, p. 34). A experiência como algo único, uma abertura para o desconhecido com sua dimensão de incertezas e de peculiaridades. Maurício deixa em nós sua marca. Deixa também, na sua narrativa o seu movimento singular, único.

## Referências

ALBERTI, V. Narrativas na história Oral. In: **Simpósio Nacional de História**. Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003.

ALBUQUERQUE JUNIOR, D.M. **O saber é feito para cortar**: Michel Foucault e a historiografia. Vídeo 1h56min. Publicado pelo Canal Caio Souto - Conversações filosóficas. Youtube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rQ3NrUoZGA8>. Acesso em: 29 de jun. de 2021.

ARROYO, M. & SILVA, M.R. (orgs.). **Corpo-infância: exercícios tensos de ser crianças** – Por outras pedagogias dos corpos. Petrópolis: Vozes, 2012.

ARROYO, M. **Vidas Ameaçadas**: exigências-respostas éticas da educação e da docência. Petrópolis: Vozes, 2020.

\_\_\_\_\_. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA – Itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis: Vozes, 2019.

BOLÍVAR BOTIA, A. “¿De nobis ipsis silemus?”: epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa, México**, DF, v. 4, n. 1, 2002.

BRUNER, J. **Fabricando histórias**: Direito, literatura, vida. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

FOUCAULT, M. (1979) Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organizado por Roberto Machado. Rio de Janeiro, Graal.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GARNICA, A. V. M. Pesquisa qualitativa e Educação (Matemática): de regulações, regulamentos, tempos e depoimentos. *Mimesis*, Bauru, v. 22, n. 1, p. 35- 48, 2001.

MATO GROSSO DO SUL. **Diário Oficial** n. 10.120 de 19 de março de 2020. Instrução Normativa/SED n. 5/CONPED/SUPED/SED/2020. Disponível em:



[https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO10120\\_19\\_03\\_2020](https://www.spdo.ms.gov.br/diariodoe/Index/Download/DO10120_19_03_2020). Acesso em: 13 de jul. de 2021.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SILVA, M. S., FILLOS, L.M. Alguns modos de operar no grupo de pesquisa História Oral e Educação Matemática. **RELVA**, Juara/MT/Brasil, v. 7, n. 2, p. 74-98, jul./dez. 2020.